



24º Capítulo Geral

Discurso Principal

Rev. Dr. Donald Senior, C.P.

A Unidade a que Fomos Chamadas e para a qual Somos Enviadas: Reflexões Bíblicas

Queridas amigas, que privilégio poder estar com vocês hoje ao reunirem-se para o seu 24º Capítulo Geral. Agradeço à Irmã Mary e a todas vocês por este convite. E que alegria poder passar alguns minutos com vocês refletindo sobre o cerne da missão do evangelho confiado a nós pelo Cristo Ressuscitado — que nós somos chamados a sermos “um”, assim como Jesus e o Pai são um – um motivo ecoado do admirável tema do seu capítulo.

E quão oportuno é este chamado fundamental do evangelho no mundo fraturado atual. Meu próprio país aqui está quase paralisado com divisões afiadas e conflitantes, e com discursos políticos rudes em muitos níveis. Nosso mundo está destruído por violência mortal em tantos lugares: a tragédia na Síria, atos de terrorismo na Europa e na África, ameaças para desencadear a fúria insana da Guerra na Ásia. Em uma escala menos dramática, mas ainda assim significativa e tóxica, estão as profundas divisões em nossa Comunidade Católica. Acredito que um tempo como este, particularmente para uma comunidade religiosa com tão grande história e abençoada por um enorme senso de missão, não seja uma época para catalogar as nossas aflições – apesar de não podermos ignorá-las – mas é um tempo para mergulhar mais profundamente dentro da essência de nossa fé cristã e encontrar

energia e comprometimento renovados. É esta beleza atraente e encantadora do Evangelho que quero mostrar-lhes hoje.

Há alguns anos atrás, li um romance da autora Barbara Gordon cuja atmosfera e conteúdo permaneceram comigo. Intitulava-se *Estou dançando o mais depressa que posso*, e era sobre a luta de uma executiva bem sucedida que trabalhava para um dos mais importantes canais de TV dos Estados Unidos. Ela havia atingido o auge de sua carreira como diretora executiva mas, de repente, sob o impacto de um ritmo frenético e pressões extraordinárias, sua vida começou a desmoronar: um casamento destruído, uma discussão terrível com sua única filha, além de contratempos pouco habituais e perda de propósito em seu trabalho. Gradualmente ela afundou para dentro de uma doença mental, e literalmente trancou-se em seu apartamento, quase suicidando-se. O romance – que é baseado em uma história real — trata, sobretudo, da luta dessa mulher para reconstruir sua vida novamente. Um momento chave ocorre quando, durante um doloroso ataque de pânico, ela literalmente diz ao seu médico que não sabe mais viver — estava com medo de sair da cama. O médico disse, "Você sabe fazer uma coisa muito importante – você sabe respirar". Ele pediu para a mulher ficar imóvel por um momento e escutar a própria respiração — inspirar e expirar.

Anos mais tarde, depois de uma longa e íngreme escalada para colocar sua vida em ordem, a mulher lembrou-se daquele momento como algo que foi decisivo. Ela **sabia** como respirar, levando o sopro de vida para dentro e deixando-o sair. É o exercício vital que mantém um ser humano vivo.

O ato fundamental— inspirar e expirar— é uma imagem que gostaria de usar esta manhã para refletir sobre o nosso encontro com Jesus e sua missão. Este é um tempo turbulento para o nosso mundo e para a igreja. Em meio à grande vitalidade e bênçãos ao nosso redor, há também muita dor e perda em nosso mundo, como todos sabemos. Aliados a todos os problemas que podemos citar em nossa vida pública, tem havido, desde algum tempo, muitas pessoas que trabalham na igreja, incluindo religiosos, que se sentem apanhados em uma espécie de ressaca sutil. A diminuição

dos números, cortes de orçamento, incerteza a respeito do futuro, uma certa depressão em pequeno grau que suprime a esperança de muitos e coloca as pessoas em modo de sobrevivência. Nós também podemos sentir que dançamos o mais depressa que podemos.

Há muitas coisas que podemos fazer para reanimar nossas mentes, nossos espíritos, nossos corpos. Permitam-me sugerir que uma forma de nos reanimarmos como pessoas cristãs é lembrando a profundidade e a beleza da missão a nós confiada por Jesus. Acredito que o sopro vital da vida cristã, em todas as suas formas, é a missão cristã. Encontrar Jesus não é apenas um momento privado e sem consequências públicas. Não, encontrar-se autenticamente com o Jesus do Evangelho é, também, deixar-se inflamar com sua missão para o nosso mundo.

Expandir a presença de Cristo no mundo— em toda a sua beleza e profundidade, com toda a sua graça e poder transformador, com o seu magnético chamado à unidade— este é o primeiro chamado de todo cristão. A evangelização ou missão não deve ser entendida simplesmente sob o sentido clássico de missão para as nações ou **ad gentes**, apesar de tal formato permanecer válido. Não, nós sabemos que missão não é algo limitado ao ministério heroico de alguns poucos que deixaram sua pátria a fim de ganharem almas para Cristo. Esse é um dos grandes avanços sobre o qual podemos ter orgulho nos últimos anos— o de que compreendemos a dimensão completa da missão cristã no mundo. João Paulo II observou que todo cristão “. . . tem a tarefa profética de recordar e cumprir o plano divino para a humanidade, como está anunciado na escritura e emerge de uma leitura atenta aos sinais da ação providencial de Deus sobre a história. Este é o plano para a salvação e reconciliação da humanidade”. Missão, neste sentido profundo e amplo, inclui todos os aspectos da vida cristã: nossa adoração, nosso espírito de oração e contemplação, nosso compromisso com a justiça e a paz, nosso esforço pela reconciliação e respeito mútuo entre as pessoas e tradições religiosas; nosso cuidado para com a própria criação. Este sentido abrangente da missão cristã é realmente, nas palavras do Papa, um plano para a salvação e reconciliação da humanidade e de fato o mundo criado onde a

humanidade se desenvolve. Esta é a “nova evangelização” sobre a qual os últimos três Papas têm falado. Seu espírito não é imperialista ou dominador. Mesmo quando o evangelho é proclamado com confiança e gratidão por sua comprovada beleza, a evangelização é realizada em um espírito de respeito para com os outros e suas tradições sagradas, e pela integridade de suas culturas. Fomos chamados, nas palavras do Papa Francisco, para sermos “discípulos missionários”.

A Missão de Jesus e a Missão Cristã

É um truísmo mas vamos repetir aqui: Toda forma de vida cristã— incluindo particularmente um modo de vida religiosa intensa— deve obter sua inspiração a partir da vida e missão de Jesus. É encontrando Jesus verdadeiramente que descobrimos nossa missão no mundo. E se qualquer sentido de missão cristã deve obter seu espírito e significado da missão de Jesus, então é para lá que devemos nos voltar.

Inspirar e expirar . . . este ato humano vital é também uma metáfora que acredito poder aplicar-se à missão de Jesus. Uma das formas pelas quais tenho pensado sobre o seu ministério é algo parecido com o ato da respiração — atrair a vida para dentro de um centro vital onde a verdadeira comunhão é encontrada; a extensão da vida para os limites mais distantes da realidade. Um gesto semelhante ao abraço, alcançar e atrair. Quanto mais eu me afastei dos evangelhos, mais eu compreendia a missão de Jesus em termos destes dois gestos relacionados que tornaram-se um movimento fluído e caracterizam os fundamentos elementares do ministério de Jesus: alcançar e atrair. Ambos os gestos foram estimulados pela profunda convicção e instinto religioso de sua vida e vocação: alcançar com um grande abraço toda a expansão de Israel, incluindo aqueles às margens, atraindo toda a comunidade – puros e impuros— em uma comunhão de vida, uma unidade, que dá glória a Deus.

Um dos meus textos favoritos, um que a igreja primitiva certamente não inventou, é o de **Mateus 11:18**. Vocês se lembram deste texto em que Jesus confronta seus oponentes, reproduzindo suas palavras hostis:

"Tocamos a flauta e não dançais, cantamos uma lamentação e não chorais. João veio; ele não bebia e não comia, e disseram: Ele está possesso de um demônio. O Filho do Homem vem, come e bebe, e dizem: É um comilão e beberrão, amigo dos publicanos e dos devassos. Mas a sabedoria foi justificada por seus filhos."

Implícita na resposta hostil dos seus oponentes há um tributo aos dois gestos característicos de Jesus que mencionei. “Amigo dos publicanos e dos devassos” – um sinal do alcance extraordinário de Jesus que vai além dos limites. Jesus estava comprometido com a restauração de Israel para Deus, portanto em um espírito de compaixão procurando também aqueles que viviam às margens da comunidade, aqueles na periferia, as “ovelhas perdidas” da casa de Israel. E, ao mesmo tempo este “comilão e beberrão” atraiu os perdidos ao centro vital onde ele repartiria o pão de Deus com eles. Aqui nós vemos um tributo à refeições inclusivas tão características da missão de Jesus como retratadas nos evangelhos.

Ambos os gestos — alcançar e atrair—são fundamentais para a representação do evangelho de Jesus. Nenhum estudo contemporâneo sobre o Jesus histórico poderia negar o fato de que Jesus mantinha um relacionamento extraordinário com aqueles à margem, com aqueles que estavam isolados e alienados do contexto social do Judaísmo Palestino do primeiro século. Pensem, por exemplo, na ênfase que os evangelhos dão ao comprometimento de Jesus enquanto médico carismático. Tudo que você precisa fazer é ler o capítulo de abertura do Evangelho de Marcos, o Evangelho que vamos acompanhar nas leituras de domingo ao longo do próximo ano, para conferir em detalhe bruto e poderoso— o Jesus que cura do nascer ao cair do sol, as portas apinhadas com doentes que vinham a ele como que atraídos por uma força magnética. A cura, tanto naquele tempo como agora, não é apenas uma transformação física— e Jesus certamente dedicava-se a isso— mas ela também envolve a dissolução

do isolamento e da exclusão caracteristicamente vivenciada pelos doentes, nas sociedades tradicionais assim como em nossa própria sociedade.

Praticamente todos os encontros de Jesus com os gentios relatados na literatura do Evangelho estão dentro do contexto da cura. Isto reflete, em parte, a ruptura de limites inerente à natureza das histórias de cura do Novo Testamento. Na maioria das histórias, ambos o que cura (Jesus) e aquele que será curado atuam num movimento de ruptura de limite, atravessando os abismos do tabu, da cultura, e de fato o limite entre a vida e a própria morte para que seja curado. Cura tem um sentido abrangente, envolvendo não apenas transformação física mas as dimensões espiritual, psicológica, e social. A linguagem de libertação é usada com frequência nas histórias de cura, particularmente quando possessões demoníacas são descritas como opressoras, a exemplo do caso do Gadareno demoníaco em Marcos 5:1-20, ou da mulher encurvada em Lucas 13:10-17. Pelo menos a partir da perspectiva do Novo Testamento, a missão cristã de libertação pode encontrar uma base profunda na missão curativa de Jesus, o qual liberta as pessoas de experiências insuportáveis do maligno que as desumaniza e oprime. Cura ou exorcismo toma a forma de libertação do maligno e inclusão em uma vida de comunidade.

As transformações envolvidas nas histórias de cura incluem não apenas a condição física, social e espiritual dos doentes ou deficientes, mas também um desafio e transformação profundos da própria comunidade. Assim, na história da mulher encurvada em Lucas 13, a libertação da mulher através de Jesus é vista pelo administrador da sinagoga como um grande distúrbio para a ordem da sinagoga. Jesus vigorosamente defende o direito da mulher, uma filha de Abraão, ser curada em um sábado. A cura do Gadareno demoníaco em Marcos 5, uma história óbvia de missão, traz o caos e a ruptura para o povoado quando o demônio entra no rebanho de porcos e eles atiram-se do penhasco ao mar, e então o gentil endemoninhado é reintroduzido à plena participação em sua comunidade. Na história da cura da filha da mulher Cananita em Mateus 15, é o próprio Jesus que encontra seus pressupostos desafiados.

Sua missão não é mais apenas para as ovelhas perdidas da casa de Israel, agora que esta mulher gentil e sua fé insistente deram entrada no reino do seu ministério de cura.

Estas histórias tocam em uma dinâmica inclusiva poderosa dentro da literatura do Evangelho, uma dinâmica capturada não apenas a partir das histórias de cura mas em materiais diversos como a marca de Jesus sobre o ensino do amor aos inimigos, seu chamado a Levi e outros párias sociais, e suas parábolas tais como as famosas histórias de misericórdia em Lucas 15 sobre a ovelha perdida, a moeda perdida e o filho pródigo, e a ênfase radical sobre a obrigação do perdão e da reconciliação no discurso comunitário de Mateus 18. Em todo este material, Jesus atrai os párias, os marginalizados, os alienados e oprimidos para o círculo vital de comunidade, para a “unidade” a qual sua constituição menciona, e ao mesmo tempo chama a própria comunidade à conversão e abertura. Portanto cura— entendida em um sentido amplo e inclusivo – era uma parte intrínseca ao entendimento da missão cristã primitiva.

Considerem, também, como parte da natureza expansiva de sua missão, o olhar de Jesus para com os marginalizados sociais: Levi em seu posto coletor de taxas, o centurião em Cafarnaum, a mulher Cananita, o cego Bartimeu na beira da estrada, a mulher Samaritana sozinha junto ao poço, Zaqueu na figueira. Também fica claro a partir do Sermão da Montanha, entre outros dizeres e parábolas de Jesus, de estar convencido de que aqueles desvalorizados pelos outros eram eles próprios capazes de virtudes heroicas. Jesus tinha grande fé na capacidade da pessoa humana para a santidade e grandeza.

Não há dúvida de que o Jesus histórico alcançou além dos limites e também não há dúvida, acredito, de que este alcance provocativo estava fundamentado em sua própria experiência do Deus de Israel como aquele cujo alcance não estava confinado às fronteiras de Israel, mas se estendeu para além destes limites. Jesus, parece, abriu sua mente e coração também ao gentil eventual. Como um judeu devoto, Jesus não frequentava território gentil nem concebia a missão aos gentios como sua missão principal ao ser chamado para restaurar Israel, mas quando confrontado com um dos

filhos de Deus em necessidade, mesmo que fosse um gentil, ele claramente respondia com compaixão— estabelecendo enfim o fundamento para aquilo que a comunidade primitiva seria impelida a fazer, para ir além de Israel em nome de Jesus. Jesus ganhou e foi glorioso no julgamento dos seus inimigos: “amigo dos publicanos e dos devassos”.

E então há a dimensão do seu atrair — de fato, um modo importante de entender o Jesus da história não é o de que ele veio para fundar uma igreja no sentido de estabelecer uma entidade completamente nova e à parte da comunidade de Israel. A “igreja” já estava lá, o **qahal** de Deus, a “assembleia” ou “*ecclesia*” de Israel. Jesus, antes, viu como sua vocação divina a restauração de Israel, o sopro de nova vida e um profundo senso de comunidade nas pessoas criadas por Deus e seladas pelo pacto do Sinai, a “unidade da mente e do coração” como Atos retrata as primeiras comunidades cristãs em Jerusalém. Então Jesus, em uma explosão de ironia maravilhosa e otimismo divino, chamaria seu desorganizado e vulnerável bando de discípulos de “os doze” e prometeria a eles que iriam sentar-se nos tronos das tribos de Israel.

E aqui com certeza está o significado interior das ceias extraordinárias que parecem ter sido uma característica do ministério de Jesus. Ceias com Levi e seus amigos, ceias com Simão o fariseu, ceias com a multidão nas colinas, ceias com os seus discípulos. A ceias ideais que estão descritas em suas parábolas— festas de casamento nas quais os convites se estendiam pelas estradas e caminhos, banquetes reais abarrotados de comida e procurando convidados, ceias nas quais estrangeiros vinham do leste e do oeste para sentar à mesa com Abraão, Isaque e Jacó, ceias pascais encharcadas de comoção e saudade.

A comunidade primitiva via estas ceias típicas como evocações de Deus alimentando as pessoas no deserto com maná e codornas, e como um sinal da Eucaristia por vir. Em cada caso, elas assinalavam o verdadeiro significado da missão de Jesus como a união de Israel, como uma comunhão inclusiva de todas as crianças

de Deus, como um sinal da verdadeira comunhão em alegria e louvor e vitalidade abundante com o Deus de Israel que, na visão de Isaías 25, iria preparar um banquete em Sião e alimentar as pessoas com opções de carne e maravilhosos vinhos, removendo as teias da morte e secando as lágrimas de cada face.

A missão de Jesus, compreendida nestes termos de alcance e atração, de inclusão e comunhão, levaria em última análise à sua morte e daria sentido à cruz como um ato de amor profundo. Jesus morreu por causa da maneira como viveu.

Assim, as notas características e padrões profundos do ministério de Jesus— seu alcance e sua atração— podem, em última análise, ser identificados como a própria experiência de Jesus do Deus de Israel. Um Deus que não é um Deus tribal, mas o Deus das nações. Um Deus cuja beleza transcendente alcançou muito além dos limites da imaginação de Israel e superou de longe suas expectativas. Um Deus cujo amor incondicional e compaixão surpreendente eram mais do que qualquer coração humano pudesse compreender. Este Deus era a base do ser de Jesus e o fundamento de sua missão. A intuição espiritualmente guiada da comunidade primitiva permitiria ver que Jesus não apenas revelou este Deus através do seu ministério, mas o próprio Jesus — em seu ser— encarnou esta realidade divina.

Aqui nos referimos a outra visão de ensino da igreja sobre missão que veio à tona em nossos tempos, a saber, que a verdadeira fundação teológica e bíblica para a missão é a própria vida de Deus, de fato o mistério da própria Trindade. Deus encarna o impulso da missão— alcançado em amor auto-transcendente — amor com abundância incrível e irreprimível emanando do próprio ser de Deus, um amor tão intenso que os três são um, amor emergindo do ato da criação, amor estendendo-se na vida de um povo e sua história. E um amor cuja intenção final é atrair toda a criação para a insondável beleza e vitalidade do próprio ser de Deus— para criar uma comunhão no meio de todas as coisas vivas— para tornar-se, nas primorosas palavras do Evangelho de João, as quais sua constituição cita: “para que todos sejam um, assim

como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós, e o mundo creia que tu me enviaste”.

Aqui temos o ato-de-vida final: expirar e inspirar; alcançar e atrair. Este ritmo de vida divino é a base de toda a missão. Em um livro maravilhoso sobre a missão no Antigo Testamento, Lucien Legrand aponta que este ritmo divino encontra eco em uma tensão dinâmica inerente à própria vida de Israel. Legrand vê uma dinâmica fundamental já aparente no Velho Testamento, onde Israel encontra-se entre o duplo pólo de sua eleição como povo escolhido de Deus e sua interação histórica—talvez possamos até dizer, “missão”, para as nações. Apesar de Israel conceber seu próprio status como único e poderoso, também entendia que o Deus de Abraão e Sara, o Deus de Israel, era o Deus das Nações. Inevitavelmente, portanto, Israel precisava lidar com as nações, às vezes posicionando-se contrário às culturas vizinhas em nome de pureza religiosa, em outros momentos interagindo com as nações e absorvendo aspectos fundamentais de sua vida cultural e estruturas religiosas, e ainda em outros momentos vivenciando as nações como instrumentos na própria purificação de Deus ou na punição de Israel.

Essa tensão dinâmica entre identidade e proximidade, entre comunidade e missão, entre particularismo e universalidade permeia toda a Bíblia, incluído ambos os testamentos. Israel foi tomado durante sua história por seu senso de eleito enquanto povo especial de Deus, preocupado com as demandas da aliança para construir uma comunidade de justiça e compaixão— perguntando-se, contudo, sobre as nações, aquelas pessoas que também era crianças de Abraão e de alguma forma destinadas a serem parte do verdadeiro abraço de Deus. Eleição e alcance. Comunidade e missão. Inspirar e expirar. Este é o espírito que deve animar nossa Igreja bem como suas comunidades religiosas.

Ao avançar na vida encontro-me dependendo mais e mais do Evangelho de João para captar o que Jesus realmente quer dizer. E eu sei que este Evangelho é importante em sua tradição de Irmãs Escolares de Nossa Senhora e para sua missão de busca da unidade. Vejo João fazendo um distanciamento da complexidade que é o

retrato sinóptico de Jesus e sua missão, destilando-o, e identificando em traços diretos e ousados o verdadeiro significado de tudo.

O Evangelho de João diz tudo, de uma maneira que é ao mesmo tempo simples e profunda. João inicia seu evangelho com um hino maravilhoso afirmando que a verdadeira origem de Jesus está em Deus. Deus fala e fala tão eloquentemente, tão completamente que esta Palavra articula plenamente quem Deus é, esta Palavra, de fato, é *theos*. Porque Deus quer comunicar— porque Deus deve expirar— a Palavra é enviada por Deus ao mundo, penetrando a substância do mundo de modo tão completo que a palavra torna-se Carne, torna-se Encarnada, Palavra incorporada no mundo, com uma história humana, um corpo e espírito humanos. Esta, João ousa dizer, é a origem verdadeira de Jesus. Jesus é a palavra que revela Deus e a mensagem de Deus para o mundo em sua própria carne.

Se Jesus pode ser caracterizado como a palavra de Deus para o mundo, o que é que Deus quer dizer em Jesus? Qual é a Palavra? A resposta de João é completa e profunda. Nenhum texto diz melhor do que João 3: “Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo que lhe deu seu Filho único, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele”. A mensagem de Deus não é de condenação, mas de amor redentor — este é o coração do evangelho, é isto que a Palavra tem para dizer ao mundo, esta é a evangelização original.

E para João esta mensagem definitiva da palavra de Deus, esta mensagem de amor redentor, é expressa em cada gesto de Jesus, cada discurso, cada ação característica, cada ato de cura, cada palavra profética de verdade, cada relacionamento de Jesus com seus discípulos— isso tudo é, enfim, palavra de amor, uma palavra de vida. É por isso que, para João, a expressão definitiva da missão de Jesus, a declaração final e mais eloquente do que a Palavra Encarnada tem a dizer é falada, paradoxalmente, através de sua morte. João entende que a morte de Jesus é um ato de amor amigo— “Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos”. A morte de Jesus é um ato de amor.

E então, na conclusão do seu evangelho, João completa o círculo. O destino final de Jesus como Palavra de Deus é, em última análise, comunhão— unidade – em alegria e louvor com o Deus de amor que o enviou ao mundo. Por isso João representa o momento da morte de Jesus como uma ascensão de retorno a Deus, uma “elevação” à comunhão completa de amor pela qual a Palavra anseia. E, o Evangelho de João afirma, o que acontece com Jesus é também o destino da humanidade. Através do poder do Espírito, os discípulos, também, devem aprender a linguagem do amor, para amar como Jesus amou, para darem suas vidas por seus amigos. E, assim como no caso de Jesus, também o ponto final definitivo do destino humano é a comunhão com Deus— quando todos forem um, “como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti, que também eles sejam um em nós”.

É aqui que o Jesus da história e o Cristo da fé fundem-se em um só. Se Jesus de Nazaré pode ser descrito como animado por uma convicção profunda da presença de Deus, por uma experiência do Deus de Israel como ambos transcendentemente santo e incrivelmente maravilhoso, porém também infinitamente terno e incondicionalmente gracioso e amoroso, e se este era o cerne da convicção impresso no caráter da missão e ensino de Jesus, então o Espírito de Deus guiou a igreja a partir dos seus primeiros momentos para entender que a presença de Deus imbuiu Jesus tão completamente que, de fato, ele *era* aquela presença encarnada. Jesus de Nazaré irradiava tão profundamente o Espírito de Deus que ele, na verdade, participa substancialmente daquele Espírito divino. Jesus revela Deus não apenas através do seu ensino profundo, mas revela-o em sua própria encarnação como Filho de Deus.

Não está longe a ponte entre os retratos de Jesus nos evangelhos e as firmes convicções da igreja a respeito da identidade de Jesus e o caráter da fé nele. Devemos a Paulo a percepção-chave: a igreja é o “corpo” de Cristo, não apenas um símile adequado, mas uma realidade metafísica profunda. Tão frágil quão escandalosa a comunidade da igreja possa parecer, nós acreditamos que em e através da igreja, o Cristo Ressurreto está presente, está encarnado, está visível para o mundo.

A excelente contribuição de Schillebeeckx, anos atrás, ainda permanece: a igreja é o sacramento primordial do encontro com Cristo, e todos os outros atos sacramentais específicos da igreja são, em última análise, apenas expressões deste sacramento fundamental. Então, é aqui que unimos a questão. Se a igreja é o corpo de Cristo no mundo, então as ações da igreja e sua missão devem almejar a revelação do mesmo caráter fundamental de Jesus Cristo tal como retratado nos evangelhos. Nós não podemos imitar Jesus ao nível dos detalhes de sua vida. Não somos palestinos do primeiro século, judeus curandeiros carismáticos e professores messiânicos. Mas a nível de caráter fundamental, de características definidas, deve haver correspondência fidedigna entre o caráter fundamental da missão de Jesus e a missão da igreja. Tanto a vida de Jesus como a vida da igreja devem estar alicerçadas no caráter do Deus revelado por Jesus, ambas devem assentar-se naquela harmonia fundamental, aquela melodia de fundo que dá tom e coerência para tudo o que nós, enfim, dizemos e fazemos.

Conclusão

Se inspirar e expirar é uma metáfora para o ato divino no mundo, se alcançar é um gesto de compaixão e justiça para com os limites da vida humana e criação e atrair para uma comunhão de vida e amor vitais que definem a missão de Jesus, então esta também é a missão fundamental da igreja e de toda forma de ministério dentro da igreja. Se a igreja deve ser o sacramento do encontro com Cristo— então isto também define o caráter fundamental de toda comunidade cristã, seja paróquia, ou uma comunidade religiosa, ou qualquer reunião formal de cristãos. Um senso de missão que reflete a missão divina no mundo e em harmonia com a missão de Cristo não trata apenas de alcançar, portanto, mas também de atrair. Com demasiada frequência nós as separamos. Missão definida apenas no sentido de cruzar fronteiras e manter atividade frenética fora de qualquer vida comunitária vital. Ou, comunidade voltada para o seu interior e separada. Uma cultura eclesial velha e sem preocupação para a comunhão vital com o mundo da humanidade e criação do qual nós fazemos parte— o

tipo de cultura “clerical” que o Papa Francisco tem desafiado com frequência através de suas palavras e ações.

Se este é o âmbito da missão para a qual fomos chamados— uma missão enraizada na própria vida do Deus Triúno e cujo objetivo é a própria busca pela vida e comunhão definitiva com Deus— então o empreendimento ao qual somos chamados é bem mais importante do que qualquer uma das nossas preocupações e muito mais decisivo do que podemos imaginar. Isto é algo muito importante para nós agora. Em um tempo de diminuição para muitos, em um tempo onde nos sentimos inundados por escândalos dos tipos mais debilitantes, em um mundo cujas incertezas e explosividade são ameaçadoras, em um mundo tão fragmentado e dividido— em tempos assim, poderíamos pensar em nossa missão como algo perdido e insignificante. Poderíamos, na verdade, esquecer como respirar. Não, não estamos engajados em algo pequeno ou sectário ou trivial. É preciso lembrarmo-nos de que estamos vivos. Não estamos simplesmente levando uma vida piedosa ou executando tarefas rotineiras. Nossa herança bíblica, a verdadeira fonte de nossa fé, e a herança e missão da nossa própria comunidade religiosa, lembram-nos de que somos chamados para fazer parte da tarefa divina no mundo— alcançar com cura e compaixão todas as pessoas de Deus, atraindo para além das fronteiras de cultura, raça e idade, afim de formar uma comunhão de vida que agrada a Deus, alcançar até os limites do nosso universo e estarmos em comunhão com a própria Terra. Mesmo se somos fracos e inadequados, mesmo se o caminho muitas vezes não está claro para nós, nós estamos engajados em uma nobre, sagrada tarefa cujos limites são tão extensos quanto o mundo e cujo propósito é nada menos do que a glória de Deus. Devemos lembrar que é parte da nossa herança bíblica e tradição de fé que o Espírito de Deus não está confinado à igreja, mas percorre o mundo e suas pessoas— respirando onde desejar. A arena da missão não é apenas a igreja mas o próprio mundo. “O campo é o mundo”— são as palavras de Jesus em sua explicação da parábola do semeador.

Então, apesar dos nossos problemas e da nossa fraqueza, este não é um tempo para hesitação ou recuo. Nós não podemos nos submeter à fadiga do espírito. Agora é

a hora para nos levantarmos, pela igreja em geral, e para a próxima geração de cristãos, nossos melhores, mais nobres e mais ambiciosos ideais— é tempo de encontrarmos novamente em fé o Jesus dos evangelhos e, assim, renovar nosso sentido de missão cristã para o mundo. Em suas maravilhosas mensagens para a igreja, Papa Francisco lembra-nos de que nossas vidas devem estar entrelaçadas com três relacionamentos fundamentais: com o Deus de amor, uns com os outros enquanto crianças de Deus, e com a criação da arena da vida que Deus nos deu. Tendo consciência destes relacionamentos vitais nós somos chamados, nas belas palavras do Papa, a “construirmos uma civilização de amor”.

Eu gostaria de encerrar com uma história que talvez possa servir de comentário ao que estive tentando dizer a respeito da igreja como corpo de Cristo, uma igreja chamada à unidade no espírito de Jesus, o revelador do amor de Deus para o mundo. Acho que vocês lembram de haver escutado sobre um homem aqui dos Estados Unidos, na cidade de Detroit, que foi hospitalizado esperando um transplante de coração. Enquanto esperava por um doador compatível, sua única filha morreu tragicamente em um acidente de carro no estado do Tennessee. Em sua carteira de habilitação ela informou: “doadora de órgãos”. Quando os médicos se aproximaram dele e perguntaram se ele consideraria aceitar o coração da própria filha para seu transplante ele disse, primeiro, que não poderia nem pensar nisso – tão esmagadora era a sua dor e confusão. Mas então, ele disse, eu comecei a pensar o que minha filha gostaria que eu fizesse... e ele aceitou receber o coração dela. Para a conferência de imprensa, durante a dispensa e alta do hospital (o coração, é claro, era um encaixe perfeito), um repórter perguntou a ele, “Que diferença faz tudo isso para você agora?” O homem pausou por um momento, controlou sua emoção e disse, “Quero que saibam que minha vida nunca mais será a mesma porque eu nunca poderei esquecer que carreguei em meu corpo o coração daquela que me amou e deu a sua vida por mim. Nada mais será o mesmo para mim.”

Ver-nos como a encarnação do Cristo Ressuscitado significa viver nossas vidas a partir daquela conscientização fundamental. Ser um cristão, lembra o Papa Bento

quando inaugurou o Ano da Fé, significa viver nossas vidas como uma experiência de amor recebido e comunicar nossa fé como uma experiência de graça e alegria. Esta experiência de amor recebido e amor dado, de inspirar e expirar, de buscar unidade com Deus, uns com os outros, com o nosso mundo, descreve na verdade o próprio espírito de Jesus. E nós somos o corpo de Cristo para o mundo e somos a igreja. Como o homem que ganhou um novo coração por causa do amor, nada mais será igual para nós.

Donald Senior, C.P.
União Teológica Católica
Chicago, Illinois, EUA